Recordes de **exportação**

Superam as expectativas os embarques e a receita relativos à carne de frango brasileira

LUIZ ANTONIO PINAZZA E REGIS ALIMANDRO

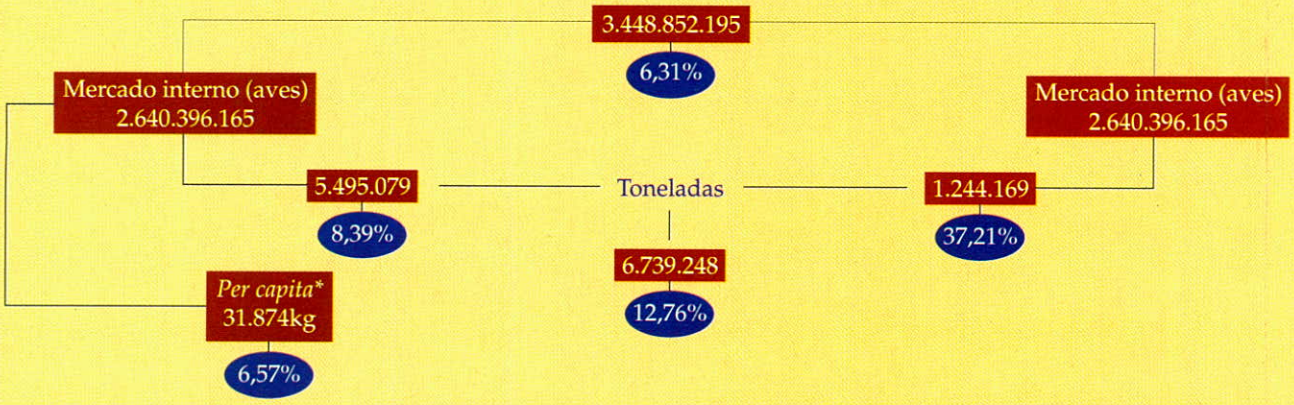
Pelas estimativas da Apinco, a produção brasileira de carne de frango em 2001 ficou próxima de 6,6 milhões de toneladas – um significativo incremento de 9,75% sobre a quantidade produzida em 2000. Pela conjuntura vigente na virada do primeiro semestre do ano passado, o resultado até surpreende, pois a produção total havia aumentado apenas 4,1% e ocorria déficit na oferta interna. Naquela oportunidade estava bem definido um movimento positivo das exportações, com variação de 44% em relação ao mesmo período do ano anterior.

No segundo semestre a produção de carne de frango voltou a crescer em ritmo acelerado. Em comparação com o mesmo semestre de 2000, a expansão chegava a 15,34% – desempenho explicado basicamente através do emprego de duas medidas para suprir o menor número de matrizes em produção: o prolongamento da vida útil das reprodutoras e a adoção de um segundo ciclo de produção.

Para 2002, espera-se que o patamar de crescimento da produção de carne de frango continue estável. Isso significa aumento da produção para perto de 7,2 milhões de toneladas. A tendência a incrementos menores das exportações neste ano aumenta a evolução da disponibilidade interna e afrouxa os preços.

Produção de carne de frango, 2001

Total de aves produzidas



* O alojamento de matrizes: 1) corte em 2001 totalizou 28.597.273
2) comerciais de ovos vermelhos: 17.384.746
3) comerciais de ovos brancos: 48.218.278

O *per capita* foi estimado considerando a população brasileira de 2001 projetada em 172,4 milhões de habitantes.
Os números entre círculos indicam a variação percentual sobre o mesmo período do ano anterior.

Fonte: UBA/Abef.

Brasil: produção de carne de frango em 2001

Toneladas

Mês	Produção total	Exportação	Disponibilidade interna
Janeiro, 2001	518.559	77.025	441.534
Fevereiro	523.633	90.849	432.784
Março	498.963	106.318	392.645
Abril	498.711	99.724	398.987
Maio	523.115	110.590	412.525
Junho	533.907	105.888	428.019
Julho	549.634	96.163	453.471
Agosto	561.630	110.964	450.666
Setembro	588.130	112.112	476.018
Outubro	583.826	119.822	464.004
Novembro	587.987	108.760	479.227
Dezembro	595.865	111.072	484.793
Total 12 meses	6.563.960	1.249.287	5.314.673

Fonte: Apinco

Brasil: produção mensal de pintos de corte

Milhares de cabeças

Mês	2000 (a)	2001 (b)	(a=100)
Janeiro	274.870	284.928	103,7
Fevereiro	263.974	261.691	99,1
Março	275.431	277.397	100,7
Abril	262.238	268.988	102,6
Maio	258.742	285.044	110,2
Junho	261.702	280.711	107,3
Julho	266.979	295.846	110,8
Agosto	272.084	310.208	114,0
Setembro	268.374	296.730	110,6
Outubro	289.303	314.169	108,6
Novembro	277.405	295.265	106,4
Dezembro	283.060	302.300	106,8
Total	3.254.162	3.473.277	106,7

Fonte: Apinco.

Brasil: exportações de carne de frango

Toneladas

Mês	Inteiro	Partes
Janeiro	40.835	36.189
Fevereiro	44.177	46.672
Março	49.877	56.447
Abril	39.397	60.338
Maio	52.640	57.929
Junho	48.913	56.974
Julho	44.223	51.938
Agosto	43.127	67.836
Setembro	48.219	63.893
Outubro	54.959	64.862
Novembro	54.865	53.894
Dezembro	58.984	52.088
Total	580.216	669.060

Fonte: Secex/Abef.

Brasil: inteiros + partes de frango: 10 principais compradores, 2001

País	Mil t	%
Arábia Saudita	255,6	20,40
Japão	130,6	10,40
Hong Kong	115,2	9,20
Rússia	96,9	7,70
Alemanha	68,4	5,40
Holanda	63,9	5,10
Emirados Árabes	53	4,20
Kuwait	49,8	4,00
Reino Unido	49,6	3,90
Iêmen	39,5	3,10

Fonte: Secex.

Perfil das exportações

Os dados da Abef (Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frangos) e da Secex mostram dois fatos interessantes a respeito das exportações brasileiras de frango, o primeiro relacionado com o nível recorde de embarques e receita e o segundo das exportações de partes terem superado as de frango inteiro pela primeira vez.

Enquanto os embarques de partes totalizaram 669 mil toneladas, correspondentes a 53,6% do total, as entregas de inteiros somavam 580,2 mil toneladas, o equivalente a 46,4% do total. A receita gerada pelas partes exportadas alcançou US$789,3 milhões, enquanto os embarques de frango inteiro atingiram US$502 milhões.

As vendas para a Europa, sobretudo de cortes e com maior valor agregado, chegaram a US$409 milhões, 118% superiores às de 2000, de US$187 milhões. O velho continente respondeu por 32% dos embarques totais, a mesma participação do Oriente Médio, que já foi o maior importador. Em volume a fatia da Europa, com 19% das compras, ficou inferior aos 36% apurados pelo Oriente Médio.

Em termos de participação no mercado mundial exportador de frango, o Brasil manteve o segundo posto, com 18%, atrás apenas dos Estados Unidos.

O comportamento dos preços no comércio internacional obedeceu a uma lógica: uma vez superada a fase crítica do abastecimento europeu, surgida com os surtos de vaca louca e aftosa, os preços das carnes em geral tendem a retornar aos patamares anteriores. Uma análise da evolução dos preços médios pagos pela carne de frango exportada pelo Brasil em 2001 mostra uma redução de valores no transcorrer do ano. O preço médio da tonelada do frango inteiro em janeiro atingiu US$884 e em maio chegou a US$909. Em outubro foi para US$805, para depois fechar o ano com ligeira recuperação, em US$831. Quanto ao frango em partes, o preço médio da tonelada em janeiro valia US$1.308, contra US$1.109 em dezembro. Seu melhor preço médio no ano foi o de julho, com US$1.370.

Não obstante o frango inteiro mostrar uma trajetória mais clara de baixa em suas cotações, para os cortes de frango é mais difícil traçar qualquer avaliação definida: o *mix* das exportações de cortes varia nos

diferentes meses, com produtos de maior ou menor valor agregado.

Negócios estimulados

Existem empresas brasileiras com larga tradição na exportação de carne de frango. Algumas atuam há mais de 25 anos no mercado internacional, tempo suficiente para adquirir experiência operacional. O desafio maior é equilibrar a necessidade constante de ampliar mercados e o risco de enfrentar momentos de preços deprimidos.

Os bons preços proporcionados pelo mercado externo em 2001 e a valorização interna do dólar estimulam as empresas a entrar no comércio internacional. É o curso normal dos negócios, ainda mais que o grau de competitividade da produção brasileira oferece ao setor condições para enfrentar em pé de igualdade até a concorrência de exportadores altamente subsidiados. Um detalhe fundamental, no entanto, é que a visão não pode ser de curto prazo.

Pela meta da Abef para 2002, a receita projetada é de US$1,4 bilhão, com embarque de 1,3 milhão de toneladas, respectivamente 12% e 6,6% superiores a 2001.

Os 10 principais importadores absorveram quantidade próxima a 925 mil toneladas em 2001, ou seja, praticamente três quartos das exportações efetuadas. No total, os embarques envolveram cerca de 90 países. Cerca de 320 mil toneladas foram distribuídas para quase 80 países (média de 4 mil toneladas por importador). Mesmo com amplo leque de consumidores atingidos, as exportações brasileiras permanecem concentradas em um número limitado de países.

Embora integrem o rol de importadores, sete países nada importaram: Canadá, Chile, República da Eslováquia, Finlândia, Peru, Turquia e Uruguai.

A relação completa é bem mais ampla e abrange mais de 60 países. Muitos deles são pouco conhecidos: Togo, Benin, Anguilla, Quirguízia ou Djibuti.

O valor médio pago pelo principal cliente brasileiro de partes, o Japão, correspondente à compra de partes mais nobres, foi de US$1,28/kg. As aquisições cubanas limitam-se a partes com menos valor agregado, de preços médios ao redor de US$0,60/kg. A diferença de preço e de produto entre as importações do Japão e de Cuba se justifica pela própria condição econômica de cada país. Apesar de Hong Kong, integrante da China, ser considerado um país economicamente desenvolvido, pagou US$0,59/kg. A explicação consiste no fato de Hong Kong redirecionar praticamente todas as suas importações para o território chinês, consumidor de produtos mais baratos.

Brasil: alojamento nacional de matrizes de corte

Milhões de cabeças

Mês	2000 (a)	2001 (b)	(a = 100)
Janeiro	2.388	2.362	98,9
Fevereiro	2.267	2.025	89,3
Março	2.321	2.285	98,4
Abril	2.116	2.316	109,5
Maio	2.528	2.372	93,8
Junho	2.123	2.284	107,6
Julho	1.965	2.473	125,9
Agosto	2.123	2.594	122,2
Setembro	2.377	2.427	102,1
Outubro	2.292	2.792	121,8
Novembro	2.545	2.618	102,9
Dezembro	2.487	2.233	89,8
Total	27.532	28.781	104,5

Fonte: UBA.

Brasil: produção de frango

Mil t

Mês	1997	1998	1999	2000	2001
Janeiro	343,3	410,7	447,0	493,1	518,5
Fevereiro	355,3	392,8	448,5	507,7	523,6
Março	346,9	371,6	426,7	497,4	499,0
Abril	344,6	371,1	436,3	493,4	498,7
Maio	367,0	390,2	457,2	495,2	523,1
Junho	367,5	405,1	464,3	488,0	533,9
Julho	371,2	405,0	476,9	480,9	549,6
Agosto	376,3	413,1	473,2	475,5	561,6
Setembro	391,3	415,3	484,0	491,2	588,1
Outubro	395,9	423,5	475,0	495,4	583,8
Novembro	408,1	427,6	468,3	517,4	587,9
Dezembro	393,5	432,3	468,6	545,4	595,9
Total	4.460,9	4.853,5	5.526,0	5.980,6	6.563,9

Fonte: Apinco.

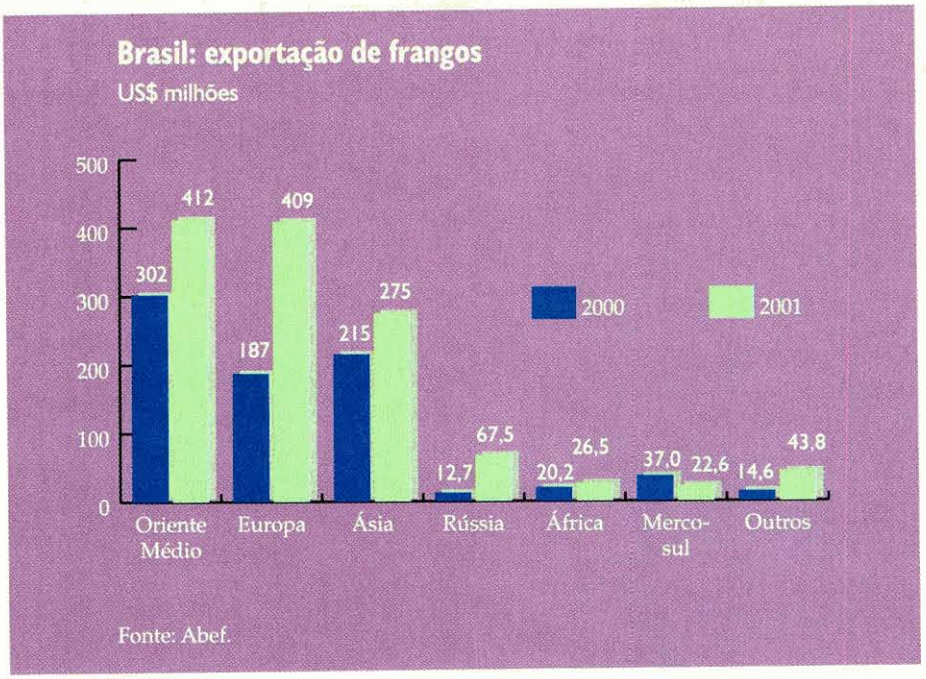
Pintos de corte

A Associação Brasileira dos Produtores de Pintos de Corte (Apinco) informa que a produção nacional de pintos de corte de 2001 cresceu 6,7% em relação a 2000. Esse desempenho contraria as previsões iniciais de redução no alojamento.

Brasil: produção de pintos comerciais para postura – linhagens brancas e vermelhas

Milhares de cabeças

Mês	2000 (a)	2001 (b)	(a=100)
Janeiro	4.466	5.311	118,9
Fevereiro	3.953	4.822	122,0
Março	4.696	5.512	117,4
Abril	4.545	5.978	131,5
Maio	4.628	6.180	133,5
Junho	4.523	5.518	122,0
Julho	4.685	6.027	128,6
Agosto	4.182	6.042	144,5
Setembro	5.768	6.057	105,0
Outubro	6.053	5.444	89,9
Novembro	5.536	4.864	87,9
Dezembro	4.783	3.845	80,4
Total	57.818	65.600	113,5



Brasil: participação dos estados na produção de frangos

%

Estado	1981	2001
São Paulo	28,19	19,31
Paraná	9,87	19,47
Distrito Federal	0,75	1,60
Mato Grosso do Sul	–	1,71
Mato Grosso	–	2,73
Outros	61,19	55,18

Fonte: Apinco.

No final do 2000 e princípio de 2001, o mercado dava sinais evidentes de excesso de oferta de pintos de corte. Era premente a necessidade de reduzir as quantidades alojadas de aves. A medida chegou a ser adotada, mas durante um período muito curto. O rápido escoamento da produção para o estrangeiro trouxe um novo quadro para o agronegócio.

A partir de maio, o alojamento de pintos de corte retomou a perspectiva de aumento. O quadro não sofreu alteração durante todo o restante do ano. Para 2002, a previsão é de elevação na quantidade alojada, fortalecida pela firmeza das exportações.

Pintos de postura

Com um aumento de 22% no alojamento de matrizes de postura em 2000, a oferta interna ficou visivelmente superior à demanda. Feito o necessário ajuste ao mercado, os dados da União Brasileira de Avicultura (UBA) registraram crescimento de 10,22% no setor em 2001.

O crescimento exagerado de 2000, em relação a um mercado consumidor naturalmente mais lento, é idêntico ao observado na área de corte (1999). No setor de postura, porém, as respostas levam mais tempo, pois as possibilidades de controle da produção são mais complexas.

Por sua vez, para complicar a situação, o segmento produtor de ovos não dispõe da válvula de escape com que conta a avicultura de corte: as exportações. Em decorrência, praticamente toda a produção fica sujeita ao mercado interno, que revela visível estagnação há vários anos.

O mercado reage com preços deprimidos. Para o criador monta-se o cenário de crise. A rentabilidade entra no vermelho, as receitas não cobrem os custos de produção. Muitas granjas, algumas de larga tradição na atividade, encerram suas operações. O cenário continua ruim para 2002, diante da perspectiva de pressões nas despesas do arraçoamento, afetado por menor disponibilidade e maior preço do milho.

Matrizes de corte

A União Brasileira de Avicultura (UBA) informa que o volume alojado de matrizes de corte em 2001 registrou um crescimento de 3,85%, em comparação com os 27,5 milhões apurados em 2000. O resultado é positivo, mas ainda permanece inferior (1,83%) ao alojamento recorde de 1999, ano em que foram alojados 29,1 milhões de matrizes de corte.

Para 2002, a depender da evolução do alojamento de matrizes nos primeiros meses, de influência direta sobre a produção do segundo semestre, o mercado continuará ajustado em sua oferta e demanda. Em 2001, os números finais ficaram aquém do projetado pelo setor e revelaram que a capacidade de produção de pintos de corte é também menor que a prevista originalmente.

Em 2001, com produção de 676,2 milhões de pintos de corte e respondendo por 19,47% da produção, o estado do Paraná tornou-se o maior produtor do país no setor. A produção paulista perdeu a liderança, mas ficou apenas com 6,4 milhões de pintos a menos que o Paraná e participou com 19,31% da produção brasileira. Mas a diferença entre os dois estados tende a se ampliar: em relação aos demais estados, o Paraná continua a avançar e São Paulo a recuar